

Percepção de corpos com deficiência física: um estudo sobre o Projeto Praia Sem Barreiras em Recife-PE

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201900040587>

Ana Zélia Alves Vieira BELO^{*,**}
Maria Isabel Brandão de Souza MENDES*

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
**Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde, Recife, PE, Brasil.

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi compreender a percepção que as pessoas com deficiência têm do próprio corpo, no sentido de identificar possibilidades de conhecimento sobre o fenômeno investigado. Para tanto, a abordagem que fundamentou o estudo foi a fenomenologia existencial. Foram realizadas entrevistas com dez participantes do Projeto Praia Sem Barreiras da Praia de Boa Viagem em Recife. A partir das descrições das falas dos entrevistados e das reflexões realizadas destaca-se que ora apresentam um entendimento mais restrito, ou de limitações, ora nos falam sobre potencialidades do corpo com a deficiência. A compreensão dos relatos aponta para significados polissêmicos a respeito do corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Deficiência; Fenomenologia; Percepção.

Introdução

Esta pesquisa nasceu da inquietação sentida, ao longo dos anos de uma das pesquisadoras atuando entre pessoas com deficiência, ao fazer interrogações a respeito de como as pessoas com deficiência física se percebem, sentem-se com um corpo com alguma deficiência. Além disso, como profissionais do Ensino Superior poder compreendê-las para também promover práticas corporais que levassem a outro olhar sobre o corpo.

Portanto, foi ao adentrar o universo das pessoas com deficiência que se depararam os limites do conhecimento epistêmico e metodológico para atuar com essas pessoas com deficiência.

Primeiramente, os profissionais da Educação Física precisam olhar esse corpo a partir das possibilidades, dos sentidos e ir buscar o que realmente é corpo?

Sendo a compreensão de corpo o elemento de base nas discussões acerca das pessoas com deficiência, apresentam-se alguns conceitos, destacando inicialmente o de MERLEAU-PONTY¹, que leva a se entender que o corpo precisa ser percebido, sentido:

O corpo é nosso meio geral de ter um mundo.
Ora ele se limita aos gestos necessários à

conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significação [...] (p. 203)¹.

Ainda refletindo sobre corpo, encontram-se nas palavras de NÓBREGA²: “O corpo não é coisa, nem ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora” (p. 47)².

As definições acima descritas remetem à necessidade de ampliar o entendimento sobre o corpo para além de um corpo biológico, de padrões de limites, para assim enxergar as possibilidades de ser corpo com potencialidades.

Quando esse corpo apresenta uma deficiência, como se percebe?

O olhar será para a deficiência? Para a falta do membro? Para a cadeira de rodas? Para a bengala? Para a comunicação pelas mãos?

Ou esse olhar é para a pessoa, para o sujeito, independentemente da sua diferença física?

De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência³:

[...] a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (alínea a)³.

Nesse sentido é preciso eliminar essas barreiras nas atitudes para que os limites não impeçam as pessoas com deficiência de participarem das práticas corporais nem de serem aceitos na sociedade em razão da deficiência que apresentam no corpo.

É um exercício processual que também precisa ser feito no momento de atendê-los nos diversos locais da Educação Física, ou seja, ampliar o olhar para as possibilidades de adaptar as diversas atividades propostas em que todos pudessem se perceber participando à sua maneira. Muitas vezes não se consegue visualizar essas possibilidades nesses corpos com deficiência, talvez pela limitação do entendimento aprofundado do que seria corpo, sensações, adaptações, enfim, conhecimentos relevantes para o atendimento.

Aos poucos vão surgindo oportunidades para atender essa diversidade humana como possibilidade de participação igualitária nos diversos segmentos sociais, trabalho, transporte, educação, esporte e lazer. Por muito tempo, esses corpos foram esquecidos, marginalizados, excluídos ao longo da história, não encontravam espaço na sociedade, inclusive no esporte e no lazer.

Com o passar do tempo, esses corpos com deficiência vão conquistando seu espaço e buscando oportunidades de se sentirem incluídos, respeitados, lembrados e atendidos na sociedade.

No estado de Pernambuco, criou-se um espaço em 2013 para atender as pessoas com deficiência física e mobilidade reduzida, chamado de Projeto Praia Sem Barreiras, uma iniciativa da Secretaria de Turismo e Governo do Estado e parceria com uma instituição privada de Ensino Superior. Esse projeto tem como objetivo possibilitar às pessoas com deficiência o banho de mar e atividades esportivas e recreativas na praia. Atualmente esse projeto já se realiza na cidade do Rio de Janeiro e em seis praias em Pernambuco: Fernando de Noronha, Boa Viagem, Porto de Galinhas, Candeias, Tamandaré e Maria Farinha.

O projeto oferece um espaço com acessibilidade e um atendimento feito por estudantes de diversas graduações, dentre elas, Educação Física, Fisioterapia, Turismo e Enfermagem, coordenado por uma profissional de Educação Física. São oferecidas as

atividades do banho assistido em uma cadeira de rodas adaptada (cadeira anfíbia), voleibol sentado, banho em piscinas de plástico e um espaço de socialização entre as pessoas com deficiência, familiares e amigos. Os espaços acessíveis começam a surgir, mas ainda são poucos os estudos, as pesquisas, os relatos sobre o atendimento a esses corpos nas diversas práticas corporais.

Realizou-se um levantamento do estado da arte sobre a temática e quase nada se encontrou em diversos bancos de dados pesquisados. O fichamento baseou-se nas palavras-chave: Corpo, Deficiência e Deficiência física. Realizou-se um levantamento nos bancos de dados on-line: Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), Google Acadêmico, Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) - sigla da denominação original Biblioteca Regional de Medicina - e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). Encontrou-se diversos artigos sobre corpo, corporeidade, deficiência, inclusão, trabalho e outros temas. Porém, relacionado com a temática deficiência física e fenomenologia, encontrou-se apenas dois artigos no banco de dados SciELO.

O primeiro artigo na área da Psicologia trata da questão do corpo sob o olhar dos filósofos Sartre e Merleau-Ponty compreendendo a deficiência física, como destacam SILVEIRA et al⁴. Já o segundo artigo, fruto da Fisioterapia, busca compreender as percepções dos indivíduos adultos com deficiência física adquirida e o processo de viver e envelhecer na cidade de Passo Fundo no Rio Grande do Sul, como ressaltam OLIVA e PORTELLA⁵.

Assim diante da escassez de estudos sobre essa temática, as inquietações sobre pessoas com deficiência, corpo, possibilidades, limites, sensações, acabaram transformando-se no questionamento da problemática do estudo. Diante do surgimento de um espaço, o Projeto Praia Sem Barreiras, para atender pessoas com deficiência física na cidade de Recife-PE, ressalta-se a necessidade de dar voz aos seus usuários. Nesse sentido, lança-se a seguinte questão de estudo: Como esses corpos com deficiência física se percebem ao participar do Projeto Praia Sem Barreiras?

Diante desse questionamento, o objetivo da pesquisa foi compreender a percepção que as pessoas com deficiência têm do próprio corpo, no sentido de identificar possibilidades de conhecimento sobre o fenômeno investigado.

Método

Como aspecto metodológico, optou-se pela atitude fenomenológica que interpreta experiências no desvelar o fenômeno compreendendo seu sentido vivido e em movimento. De acordo com NÓBREGA⁶, a fenomenologia nesse sentido “busca as essências, sendo que essas não se encontram no mundo à parte [...] As essências encontram-se na existência” (p. 60)⁶. Não se trata de um entendimento de essência pela metafísica como algo formal, mas segundo MERLEAU-PONTY¹, a fenomenologia: “É a tentativa de uma descrição direta da nossa experiência” (p. 1)¹.

A fenomenologia é um método que propõe descrever o fenômeno considerando os aspectos emocionais, culturais, sociais do sujeito que vivencia. Cada pessoa tem suas percepções distintas de acordo com as experiências, as vivências e as emoções.

Propõe-se a compreender o corpo da pessoa com deficiência física, tendo como lugar de experiência o Projeto Praia Sem Barreiras. É um estudo que apresenta a abordagem fenomenológica como um método para compreender os sentimentos dessas pessoas, a maneira de se perceberem, sua subjetividade diante do mundo. Afinal, cada pessoa possui a própria percepção de mundo, sua história, sua relação com as outras pessoas.

Esta pesquisa corrobora com uma reflexão e ainda contribui para melhor entendimento de corpo das pessoas com deficiência por meio da fenomenologia. Portanto, NÓBREGA², afirma:

O método fenomenológico é, antes de tudo, a atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com intuito de compreendê-la (p. 38)².

É importante ressaltar que, de acordo com a consideração do mundo vivido como construção do conhecimento, destaca-se a redução como uma atitude fenomenológica em busca de descrever novos significados que nortearão o estudo.

De acordo com MERLEAU-PONTY¹:

É preciso compreender a redução como admiração diante do mundo. [...] O maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa (p.10)¹.

Ou seja, tentar compreender o fenômeno para além do olhar rotineiro, mas identificar outros sentidos.

Nesta pesquisa, busca-se na atitude fenomenológica

descrever as falas das entrevistas com dez sujeitos com deficiência física, voluntários, que são apresentados no decorrer do texto com nome fictício por uma questão ética. Os sujeitos são os participantes do Projeto Praia Sem Barreiras na Boa Viagem em Recife-PE, na faixa etária de 20 a 71 anos, seis do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por meio do parecer 707.661, e todas as conversas foram realizadas no Projeto Praia Sem Barreiras de Boa Viagem em Recife, na tenda de acolhimento e de transferência da cadeira de rodas. As conversas realizaram-se em momentos descontraídos e informais, mesmo seguindo todas as exigências do Comitê de Ética em relação à documentação para autorização da gravação do áudio da conversa. Obtiveram-se os dados, guardando-se sigilo conforme o Termo de Confidencialidade, no período de fevereiro a março, aos sábados e domingos. As conversas ocorreram seguindo algumas questões que deram sustentação à problemática e ao objetivo do estudo. Destacamos as questões sobre a maneira de perceberem seus corpos, seus sentimentos e o que significa corpo para os entrevistados.

Com relação ao projeto Praia Sem Barreiras a Unidade de Projetos Especiais da Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) desenvolveu e estruturou um planejamento para a sua implantação, com intuito de assegurar o direito constitucional de ir e vir dos cidadãos, a fim de propiciar a autonomia e segurança aos meios públicos.

Ainda foram adaptados os seguintes aspectos: vias que dão o acesso à arena do projeto com rampas e rebaixamento nas calçadas, semáforos sonoros, piso tátil direcional e de alerta, faixa de pedestre, calçadas livres, vagas de estacionamento reservadas e sinalizadas para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida nas vias de acesso à praia, e ainda cardápio em sistema braile nos quiosques de coco próximos à arena, conforme CAVALCANTI⁷.

O projeto Praia Sem Barreiras é uma área com cerca de 200 m², montada e desmontada de quinta-feira a domingo, no horário das 8h às 12h na Praia de Boa Viagem. No espaço, os visitantes podem desfrutar de uma esteira de acesso ao mar, com 50 m de comprimento, seis cadeiras anfíbias, uma quadra poliesportiva de vôlei sentado, tenda de fisioterapia, tenda de transferência, banho assistido

e duas piscinas infantis de plástico, conforme BARBOSA⁸.

A esteira de acesso à arena promove um deslocamento com autonomia das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida até a faixa de areia. É implantada no final da rampa do calçadão, estendendo-se às tendas de transferência das cadeiras anfíbias.

As cadeiras anfíbias utilizadas para o banho assistido são produzidas para atividades na água, fabricadas com material específico, resistente à oxidação, com rodas infláveis que flutuam quando postas em contato com o mar. Essa cadeira é disponibilizada para as pessoas com algum tipo de deficiência física.

A última etapa para o funcionamento do projeto foi oferecer uma oficina para os estudantes da Instituição de ensino superior privada dos cursos envolvidos de Educação Física, Turismo, Fisioterapia e Enfermagem, em forma de treinamento teórico e prático, com várias atividades, dentre elas: transferência de cadeira de rodas, como abordar a pessoa com deficiência e seus acompanhantes e familiares, por último, a vivência do banho assistido.

Pode participar das atividades propostas qualquer pessoa que queira e desperte a vontade e o interesse, de toda faixa etária. O acesso é para todas as pessoas, residentes, visitantes, turistas, especificamente para aqueles que apresentam alguma deficiência física ou mobilidade reduzida.

Diante da observação nos dados acima, justifica-se a escolha do Projeto Praia Sem Barreiras para realização da pesquisa, uma vez que é um dos locais

onde se encontram as pessoas com deficiência física, para então se descreverem algumas questões sobre essa população.

De acordo com o que dispõe o Decreto Federal n.º 5.296/2004, capítulo II, artigo 5.º, § 1.º, a deficiência física é:

Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções⁹.

Ainda como público específico no atendimento do Projeto, encontram-se as pessoas com mobilidade reduzida que se conceitua de acordo com o Decreto Federal n.º 5.296/2004 no capítulo II:

Pessoa com mobilidade reduzida, aquela que, não se enquadrando no conceito de pessoa portadora de deficiência, tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentar-se, permanente ou temporariamente, gerando redução efetiva da mobilidade, flexibilidade, coordenação motora e percepção⁹.

Resultados e Discussão

Se percebendo

Este estudo tem como fundamento a abordagem fenomenológica do corpo embasada em MERLEAU-PONTY¹ e trata de apresentar sentimentos das pessoas com deficiência, a maneira que elas se percebem, suas subjetividades face ao mundo, suas histórias, suas relações com outras pessoas.

Os dez participantes entrevistados deste projeto falaram sobre o que era corpo e como se percebiam. A primeira entrevistada, aqui cognominada de Camila, é do sexo feminino, tem 65 anos, profissão costureira. Tem como escolaridade o ensino fundamental completo. Não nasceu com a deficiência. Adquiriu há aproximadamente dois anos e meio, seqüela de

um acidente vascular cerebral, apresentando uma hemiplegia esquerda (paralisia do lado esquerdo). Atualmente não atua na profissão em razão da deficiência, mas consegue consertar, costurar pequenas peças.

Logo no início da conversa, foi tocante ouvi-la dizer: “Não posso andar, falo muito pouco, não posso mais fazer trabalho nenhum” (Camila). Buscando a compreensão dessa fala, pensa-se em tantas situações que Camila poderia ter de ressignificar um novo mundo, uma nova vida após a deficiência. Visualizava-se que Camila poderia ter outras maneiras de conhecer esse corpo, de modo que a deficiência não a deixasse de construir sua história de vida, sua afetividade e seus desejos.

Nas palavras de SANT'ANNA¹⁰, destaca-se que:

[...] o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas, ao mesmo tempo, escondê-los (p. 3)¹⁰.

À pergunta sobre o que era corpo, qual sua percepção de corpo, respondeu: “Corpo é sentimento, é sentimental” (Camila). Ao mesmo tempo em que a resposta é curta, também se torna ampla. Um sentimento ou vários sentimentos? Seria esse arquivo vivo, o qual ora aparece, ora é escondido, que SANT'ANNA¹⁰ aponta nos seus estudos. Podemos relacionar a história de vida de Camila, pode-se esconder conscientemente ou inconscientemente os traços desse corpo.

De acordo com MERLEAU-PONTY¹:

Nós reaprendemos a sentir nosso corpo, reencontramos, sob o saber objetivo e distante do corpo, este outro saber que temos dele porque ele está sempre conosco e porque nós somos corpo (p. 278)¹.

A oportunidade de conviver com pessoas com deficiência no Projeto Praia Sem Barreiras possibilitou testemunhar o envolvimento delas em uma prática corporal, reaprendendo a se reencontrar com o mundo e com as pessoas em um processo em constante transformação. Também possibilitou uma escuta constante quando se referia ao corpo, de utilizarem “meu corpo” quando queriam falar deles próprios; era como eles estivessem separados do corpo, terem um corpo e não serem um corpo.

Os estudos sobre o corpo foram marcantes a partir do século XX. Segundo COURTINE¹¹, essa preocupação em estudar inicialmente, nasceu da psicanálise quando Freud, ao observar a exibição dos corpos que Charcot fazia na Salpêtrière, desvendou a histeria de conversão, compreendendo, então, o que ia constituir o enunciado de muitos questionamentos “que viriam depois: ‘o inconsciente fala através do corpo’ (p.7)¹¹.

No segundo lugar, a reinvenção pela filosofia, em que COURTINE¹¹ relata que a influência sentida na França:

Conduziu, da fenomenologia ao existencialismo, à concepção elaborada por MERLEAU-PONTY¹ do corpo como ‘encarnação da consciência’, seu

desdobramento no tempo e no espaço como ‘pivô do mundo’ (p. 8)¹¹.

As considerações feitas por MERLEAU-PONTY¹ levam a se pensar e refletir sobre uma concepção de corpo opondo-se a uma visão linear, tecendo críticas de um corpo máquina. No que diz respeito a corpo próprio, o autor afirma: “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo [...]” (p. 269)¹.

Nesse sentido, um corpo que está ligado ao mundo pela sua intencionalidade, e não um entendimento de corpo das ciências positivas, ou da dicotomia corpo-alma, é o que o filósofo apresenta como um novo modo de conceber o corpo, o corpo vivido ou corpo próprio.

Na Fenomenologia da percepção, o corpo ocupa um papel central, descrevendo-o como nosso modo próprio de ser no mundo. “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo.” (p. 203)¹.

O corpo, assim como o mundo, dispõe de inúmeras possibilidades. Acompanha o ser humano do nascimento à sua morte; o corpo está sujeito as transformações nem sempre planejadas, desejadas ou pensadas.

O reconhecimento do corpo

Para o reconhecimento do corpo há a necessidade de ativar a percepção. Quando o filósofo MERLEAU-PONTY¹ se remete à necessidade da percepção do corpo, ele se remete ao corpo próprio que não é um objeto. O corpo próprio não é o corpo da ciência positivista, mas sim uma maneira de estar no mundo e nossa forma de o viver nos permite o perceber.

Retomando a fala das pessoas do projeto ainda sobre a percepção do corpo, interpreta-se e compreende-se o que João descreveu. João, sexo masculino, tem 30 anos, é tecnólogo em Turismo e exerce a função de chefe de núcleo de uma prefeitura. Tem como escolaridade o ensino médio completo e um curso técnico. Já nasceu com a deficiência que se caracteriza em uma lesão cerebral.

Ele descreve sua percepção de corpo:

[...] nada comparado igual ao corpo, pelo andar, o falar, olhar, escutar, sentir, perceber o mundo, para mim isso é o corpo. Se ele tem uma deficiência, não quer dizer que ele está totalmente paralisado. Você consegue estimular de outras formas e ele continuar ativo de alguma forma. (João).

A fala acima apresenta muitos elementos. Há o reconhecimento de corpo apontado por NÓBREGA²: “O corpo não é objeto, nem ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora” (p. 47)².

É preciso oferecer à pessoa com deficiência física, oportunidades para que possa vivenciar, conhecer e explorar diversas possibilidades no corpo, uma forma mais ampla desse conhecimento, não se limitando à falta do membro, à impossibilidade de andar com as pernas ou mesmo a uma paralisia.

Ana, sexo feminino, 52 anos de idade, tem curso superior completo. Sua profissão é dentista. Ela não nasceu com a deficiência, adquiriu há quatro anos, uma distrofia muscular. Já não consegue exercer a profissão em razão da deficiência.

À pergunta sobre sua percepção de corpo, ela descreve: “Corpo é tudo. Corpo é a parte que a gente também se movimenta, com que a gente realiza tudo também. Para mim, corpo é isso” (Ana).

Durante nossa conversa, ela se referia a ser um corpo alegre, que gosta de participar de tudo, percebe-se com algumas diferenças por causa da deficiência, mas se redescobriu com novos olhares a esse corpo. Atualmente pinta e consegue expressar-se nas pinturas.

É nesse sentido que se recorre a MERLEAU-PONTY¹ com mais uma definição de corpo: “Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo” (p. 207)¹.

Nesse contexto, Ana visualiza novas possibilidades de se reconhecer como corpo, um olhar no que eu posso, no que eu consigo, o que eu faço na condição da deficiência.

A cada conversa com as pessoas frequentadoras do projeto que apresentam uma deficiência física, pode-se refletir sobre os mais diversos entendimentos do corpo.

Lúcia, sexo feminino, tem 49 anos e como profissão é turismóloga. Coursou a pós-graduação. A entrevistada não nasceu com a deficiência, adquiriu há onze anos, apresentando uma lesão medular na altura das vértebras T2, T3, uma paraplegia.

Quando questionada sobre corpo ela diz:

Antes do acidente, era o corpo que as pessoas têm na sociedade como padrão, depois passou a ser o corpo que usa fralda, o corpo que a perna ficou fina, então é viver com o corpo diferente mesmo de uma pessoa que ficou paraplégica (Lúcia).

Esse entendimento comparativo sobre corpo de antes da deficiência e depois da deficiência nos reporta a essa fala de se ter um corpo ou sermos um corpo, quando relaciona com ter um corpo padrão da sociedade.

Citando MERLEAU-PONTY¹ (p. 208), NÓBREGA² (p. 54) diz: “A expressão ‘sou meu corpo’ sintetiza o encontro entre o sujeito e o corpo”. Contudo, para Lúcia, esse novo encontro com o corpo que mudou, que hoje apresenta diferenças, ainda não permite uma compreensão do encontro entre ela e o corpo antes e depois da deficiência.

A fala de Lúcia sobre sua percepção de corpo nos leva ainda a olhar essa comparação do antes e depois como um estranhamento do que estava habitualmente acostumada e virou desconhecido.

Esse estranhamento nos remete às palavras de SANT’ANNA¹⁰: “O corpo de cada um pode parecer extremamente familiar e concreto em certos momentos, mas, em outros, bastante desconhecido e abstrato” (p. 4)¹⁰.

Talvez o que deixou de ser familiar em certos momentos para Lúcia seja a maneira de esvaziar a bexiga, fazer uso da fralda, sua perna mais fina, enfim as mudanças no corpo após se tornar uma pessoa com a deficiência.

Outra entrevistada, Maria, sexo feminino, com 53 anos, é funcionária pública. Atualmente é chefe de divisão das pessoas com deficiência em uma secretaria de esportes. É universitária, cursa Educação Física. Não nasceu com a deficiência, adquiriu com 7 anos de idade, ou seja, há quarenta e seis anos. A deficiência é amputação total das pernas. Maria apresenta um conceito de corpo dizendo:

A percepção de você ver o seu corpo é você mesma ver o seu interior, é saber se aceitar da forma como você é, como você se sente. A percepção do meu corpo é aquilo que eu me aceito, é aquilo que eu gosto de ver, o meu interior (Maria).

Para Maria, sua compreensão de corpo demonstra uma aceitação à condição da deficiência e se percebe para além da falta dos membros, mas como se vê enquanto essência do seu interior. Essa visão que Maria tem do seu corpo seria a imagem corporal que SCHILDER¹² apresenta ao dizer:

Entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nosso corpo formada em mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós (p. 11)¹².

Interpretando a fala de Maria, compreende-se sua visão e aceitação de corpo, entendendo-se que essa imagem foi construída nas suas experiências vividas, em que construiu uma definição de si mesma.

Uma nova relação com o mundo

Quando as pessoas transformam sua maneira de ser, elas mudam também sua percepção? Para MERLEAU-PONTY¹ o corpo é capaz de estabelecer uma nova relação com o mundo, porque ele está num estado permanente de transformação. Mas como isso se passa? Como perceber essas transformações? Quando nos dirigimos às entrevistas, podemos identificar algumas dessas mudanças.

José, sexo masculino, tem 20 anos e é estudante. Sua escolaridade é o ensino médio completo. Ele não nasceu com a deficiência, adquiriu por meio de um tratamento quimioterápico de um câncer. Descreve sua compreensão de corpo dizendo que é: “Uma forma de vida” (José). A fala de José remete a uma compreensão de que sua relação no mundo se dá pelo corpo, sua comunicação, sua percepção, sua experiência. Para MERLEAU-PONTY¹ diz: “O corpo é o veículo do ser no mundo [...]” (p.122)¹.

Muitas vezes, em razão de um padrão de sociedade de um modelo de corpo, ficamos presos a seguir e a adotar certos padrões impostos, que, por algum motivo, nos impede de atender a esses modelos. Pensar no corpo com deficiência é sair do contexto desses modelos e entendimento impostos.

Nesse mesmo sentido, Clara, sexo feminino, tem 71 anos e exerce a função de dona de casa. Tem como escolaridade o ensino fundamental completo. Não nasceu com a deficiência, adquiriu-a com 1 ano e 8 meses de vida, ou seja, há setenta anos. A percepção de corpo para ela é: “Corpo, para mim, é tudo, é ser feliz, gostar de todo mundo, tudo” (Clara).

Durante toda nossa conversa, reportava-se de maneira alegre e natural que até chamou a atenção pela percepção de corpo que se expressou e pelo fato de a aceitação da deficiência ser muito enfatizada em vários momentos; em um deles, pontuou, “eu nunca olhei para essa deficiência, eu sou feliz”! (Clara).

Além disso, Clara consegue mostrar que essa percepção sobre corpo é a realidade do seu mundo vivido; desde muito cedo, foi tratada pela família como um corpo igual aos demais da sua casa, então cresceu dotada de ações que levassem a esse

entendimento e comportamento.

A relação de Clara com o mundo se deu nesse entendimento de um corpo como outro qualquer, que vivencia e experimenta as diversas práticas que são permitidas a ela. Ela viveu e vive em constante contato com os outros à sua volta, realizando e se permitindo ao que é proposto.

Luiz, do sexo masculino, tem 44 anos, é estudante universitário. Sua deficiência é congênita, tem Amiotrofia Medular Espinhal (AME). Sua concepção de corpo é diferente de Clara.

Ele relata sua compreensão de corpo dizendo:

A percepção de corpo que a sociedade tem é de um corpo bonito, delineado, no caso da mulher, que não tenha barriga; essa é a concepção de corpo ditada pela sociedade. Como homem, eu não teria esse corpo, eu sou um corpo fragilizado, que tem muitas limitações, mas aprendi a aceitá-lo do jeito que ele é, vou tê-lo até o fim da vida, embora não goste muito, mas o aceito e vou levá-lo até o fim da vida. (Luiz)

Luiz ainda diz que a percepção de corpo se relaciona com o que a sociedade elege de bonito, delineado, e com essa condição padronizada, ele não atende a sociedade.

Descrever essa fala de Luiz apontando um padrão da sociedade nos remete à história do corpo visualizada nas palavras de COURTINE¹¹ a trajetória desse corpo diferente, que, na Europa, era chamado de monstro por volta de 1878 até a 2.^a Guerra Mundial.

Corpos diferentes, chamados anteriormente de monstros, corpos anormais eram apresentados em diversos lugares da Europa. Encontram-se no estudo de COURTINE¹¹ várias características desses corpos como mulher macaco, duas crianças unidas no mesmo tronco (meninos fenômenos), o homem elefante, criança microcéfala.

Foi por volta de 1880 que surgiram alguns marcos na História. Nesse sentido, COURTINE¹¹ pronuncia-se:

A história dos monstros é, portanto, não só aquela dos olhares postos sobre eles: a dos dispositivos materiais que inscrevem os corpos monstruosos em um regime particular de visibilidade, a história também dos sinais e das ficções que os representavam, mas também a das emoções sentidas à vista dessas deformidades humanas (p. 256)¹¹.

O cenário que encontramos atualmente na sociedade ainda é fruto dessa história. Alguns olhares ainda continuam marginalizados e podem promover atitudes preconceituosas e de discriminação. As emoções que podem ter sido modificadas, não mais com o medo e ou estranhamento por volta de 1880, descrito na história, mas com a compaixão, a pena em relação às pessoas com deficiência que se percebe no século XXI. O monstro que se apresentava por toda parte da Europa como diversão popular vai sendo substituído pelo sentimento de compaixão no decorrer do século XIX, passando a ser visto como o anormal, até finalmente o entendimento de um reconhecimento de um corpo com a deficiência corporal (*handicap*).

Observa-se a não aceitação de um corpo com deficiência ao longo da história, mas ser corpo com deficiência é ser um corpo como outro qualquer, que pensa, que age, que sente, corpo é ação e sensação ao mesmo tempo, é vida¹³.

O cenário começa a ser modificado como os acontecimentos na sociedade. O advento das guerras mundiais traz um novo olhar a esse corpo. De acordo com COURTINE¹¹:

É depois da Primeira Guerra Mundial que o reconhecimento da enfermidade vai se fazer sentir mais nitidamente entre as normas sociais de percepção do corpo. A volta de um grande número de mutilados à sociedade civil, a experiência generalizada da amputação, o espetáculo do corpo desmembrado e a vista cotidiana do cadáver, a profundidade do trauma e do sofrimento psíquico inscrevem a desfiguração e a vulnerabilidade do corpo no coração da cultura perceptiva (p. 304)¹¹.

Naquela época a sociedade atentou-se com novo olhar às pessoas que defenderam sua pátria e voltaram ao seu país com um membro amputado, sem parte do membro, sem enxergar, enfim, mudando o paradigma da enfermidade para a deficiência, chamada como uma nova linguagem *handicap*.

Ainda de acordo com a história do corpo, encontramos COURTINE¹¹ nos dizendo que uma das funções da nova linguagem *handicap* seria: “Noção geral, enfim, que se vai estender a todos os deficientes físicos e a todas as formas de *handicap*” (p. 305)¹¹.

Desse modo, ter-se-ia construído uma parte da história do corpo, a humanização dos monstros. Passando de um corpo monstruoso a enfermo e chegando à deficiência, uma história muitas vezes sombria, triste, mas marcada de avanços sociais.

Retomando a conversa com Luiz, por diversas vezes sua fala chamava a atenção. Falava com muita ênfase nas sensações negativas, do que não consegue fazer, do que não consegue ver-se, do que não consegue sentir. Ao mesmo tempo, busca superá-las, ou seja, tenta fazer as suas vivências de acordo com suas possibilidades, porém enfatiza bastante o que não faz, o que sonhou e planejou fazer, mas pela condição da deficiência, não pode realizar.

A pessoa com deficiência física não deve ser encarado como algo de menos valia ou negativo, e sim, como uma das maneiras de estar no mundo como outro ser humano.

De acordo com NÓBREGA², “o corpo é a nossa condição existencial” (p. 31)². Ou seja, eu existo pelo meu corpo, e assim posso comunicar e expressar-me, sensibilizar-me, adaptar-me, posso somente me permitir a relação ser humano.

Ainda a respeito da temática do corpo, entrevista-se Joaquim, sexo masculino, 42 anos. Tem como escolaridade curso superior. É jornalista. Já nasceu com a deficiência, apresentando uma distrofia muscular progressiva.

Sua compreensão e percepção de corpo são assim descritas:

É uma matéria que está sempre em movimento. Sempre se desenvolvendo, sempre, como diria Raul Seixas, uma metamorfose ambulante, que está sempre em movimento, e passa muitas vezes por modificações, que, às vezes, a gente não espera como aconteceu comigo. Mas muitas vezes não é, a parte da matéria da gente não funcionou bem, por um motivo ou outro, é algo que está sempre em movimento, uma mutação constante. (Joaquim).

Nesse sentido, NÓBREGA⁶ diz que

O corpo não está no espaço, como um objeto. Ele desenha o espaço, garantindo uma conformação original de acordo com a situação (p. 68)⁶.

No contexto tratado por NÓBREGA⁶, a fala de Joaquim tece a consideração acerca de tratar o corpo como matéria, remetendo a um corpo objeto. Sendo assim, um carro seria uma matéria em movimento e em mutação, a partir do momento em que mudo as rodas, mudo a cor dos faróis. Pensar em corpo é muito mais que uma matéria em movimento, ou seja, ele consegue se adequar de acordo com a situação, que seria na fala de Joaquim, a mutação constante.

Pensar em funcionamento de partes, ou em matéria, consegue resumir bastante o olhar ao corpo. Nota-se uma visão fragmentada, olhando apenas o que não funciona impedindo que surjam novos olhares a esse corpo.

Quanto à deficiência adquirida, é o caso de Carolina, sexo feminino, de 30 anos e engenheira química. Atualmente é estudante da Pós-Graduação em nível de doutorado. Sua deficiência é genética, mas os sintomas só se desenvolveram aos 9 anos de idade. Ela teve experiência por algum tempo com o corpo que andava e ficava em uma posição diferente de hoje sentada na cadeira de rodas. Ela pode entender e visualizar esse corpo relacionando com essas experiências conforme relata: "Corpo é saúde, é bem-estar, é você se respeitar e tanto faz se você está sentado ou se você está em pé; é a forma que você se respeita e cuida dele" (Carolina).

Nessa fala pode-se compreender uma comparação de quando ficava na posição em pé e atualmente na posição sentada, ou seja, hoje o corpo que é, na condição da deficiência física, fazendo uso da cadeira de rodas.

Uma percepção de si mesma, do seu bem-estar e do aspecto saúde. Uma percepção no sentido mais amplo como NÓBREGA¹ apresenta:

A percepção é uma porta aberta a vários horizontes; porém, é uma porta giratória, de modo que, quando uma face se mostra, a outra se torna invisível. O objeto é ambíguo e cada sentido se exerce em nome das demais possibilidades (p. 74).

Tal compreensão relaciona-se com os diferentes olhares sobre o mundo, com a nova compreensão

de corpo na condição da deficiência. Em algumas situações, percebem-se as diversas possibilidades, e em outras situações, o olhar é na limitação, precisamos assumir essa ambiguidade em relação à deficiência física nas diversas práticas corporais. É nessa movimentação que se percebe o corpo e suas possibilidades.

Durante este estudo nos propomos a compreender a percepção que as pessoas com deficiência têm do próprio corpo por meio de entrevistas com frequentadores do Projeto Praia Sem Barreiras.

Escutar, conviver e vivenciar momentos entre pessoas com deficiência física leva-nos a ampliar a compreensão de corpo. Ora apresentam um entendimento mais restrito, ou de limitações, ora nos falam sobre perceber e aceitar esse corpo com a deficiência.

Nesse sentido, convém reafirmar que as pessoas com deficiência necessitam reaprender, recriar comunicações com o mundo que vão para além do que consideram limitantes na sua condição existencial.

A compreensão dos relatos aponta para significados polissêmicos a respeito do corpo. No sentido de adquirir uma deficiência, a construção da imagem do corpo passa por alterações, ela se constrói de acordo com a sua história, no contato com os outros, ou seja, é uma construção social.

Esta pesquisa aponta a necessidade de outros olhares em relação às abordagens tradicionais sobre o corpo e a pessoa com deficiência, a percepção, a sensibilidade e a criação de possibilidades de escuta dos sujeitos que vivem uma dada condição humana e existencial, no sentido de investir em descobertas e ampliar a percepção do corpo e da sensibilidade para além dos padrões dominantes de corpo e aptidão física.

Abstract

Perception of bodies with physical disabilities: a study about the Praia Sem Barreiras Project in Recife-PE

The objective of this research was to understand the perception that people with disabilities have the body, to identify possibilities of knowledge about the phenomenon. To this end, the approach which funded the study was existential phenomenology. Interviews were conducted with ten participants in the Praia Sem Barreiras project of Boa Viagem in Recife. From the descriptions of the interviewees' statements and reflections made it is emphasized that now have a narrower understanding, or limitations, now tell us about potential of this body with the disability. Understanding the reports points to polysemic meanings about the body.

KEYWORDS: Body; Disabilities; Phenomenology; Perception.

Referências

1. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. Moura CAR, tradutor. São Paulo: Martins Fontes; 1994.
2. Nóbrega TP. Uma fenomenologia do corpo. São Paulo: Livraria da Física; 2010. (Coleção Contexto da Ciência).
3. Brasil. Decreto n. 6949 de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União, Brasília (2009 ago. 26); Sec.1:3.
4. Silveira AL, Cambuzzi RCS, Costa MPR, Hertwig RSV. Corporeidade e existência: notas de uma perspectiva fenomenológica sobre a condição da pessoa com deficiência física. Rev Abordagem Gestált. 2012;18(1):30-6.
5. Oliva DRSD, Portella MR. Percepções do ser adulto sobre o evento da deficiência física: um estudo fenomenológico. Fisi Senectus. 2013;1(1):35-42.
6. Nóbrega TP. Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo sujeito. 3a ed. Natal: EDUFRN; 2009.
7. Cavalcanti M. Projeto Praia Sem Barreiras. Recife: Secretaria de Turismo; 2011.
8. Barbosa AF. Projeto Praia Sem Barreiras. Recife: Secretaria de Turismo; 2014.
9. Brasil. Decreto n. 5296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília(2004 dez. 3); Sec.1:5.
10. Sant'Anna DB. É possível realizar uma história do corpo? In: Soares CL, organizador. Corpo e história. São Paulo (SP): Autores Associados; 2001.
11. Courtine JJ, Corbin A, Vigarello G. História do corpo. Vol.3, As mutações do olhar: o século XX. Orth LME, tradutor. Petrópolis: Vozes; 2008.
12. Schilder P. A imagem do corpo: as energias construtivas da psique. Wertaman R, tradutor. São Paulo (SP): Martins Fontes; 1980.
13. Porto E. A corporeidade do cego: novos olhares. Piracicaba: Memnon; 2005.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA:

Maria Isabel Brandão de Souza Mendes
Av. Salgado Filho, 3000
Natal – RN -BRASIL
CEP: 59078-970
E-mail: isabelbsm1@gmail.com

Submissão: 23/02/2016
1ª revisão: 10/04/2017
2ª revisão: 22/06/2018
Aceito: 11/07/2018